

Educação em debate

EURIDES BRITO DA SILVA

24 SET 1985

No último dia 18, atendendo conclamação do Ministério da Educação, professores, pais e estudantes reuniram-se em todo o País para discutir a situação do ensino de 1º e 2º graus e propor sugestões para torná-lo melhor.

Pela pequena amostra de que participamos, na condição de coordenadora dos debates no Conselho Federal de Educação, e ainda por informações recebidas de diversos Estados, podemos antecipar, sem receio, que o "Dia do Debate" deixou um saldo positivo: proporcionou que pais, professores e estudantes expusessem seus pontos de vista sobre a situação da escola no Brasil e apresentassem idéias para melhorá-la.

De um lado, vimos pais intranquilos por perceberem que seus filhos não apresentam rendimento escolar desejável. De outro, professores queixando-se do pouco interesse dos pais em acompanhar o desempenho de seus filhos nas escolas, além do que lembravam a precária situação salarial dos mestres na maioria dos municípios brasileiros. Estudantes mostravam quão pouco a escola lhes oferece, até mesmo porque, a cada ano, encurta-se, sob vários pretextos, o tempo de convivência na escola. Tudo isso foi discutido num ambiente de inteira liberdade, onde cada um pôde exprimir, sem restrições, seu pensamento.

Ninguém espere que a simples realização do Dia Nacional do Debate Sobre Educação funcione como panacéia para todos os problemas que a escola hoje enfrenta. Até mesmo porque, no Brasil, já nos habituamos ao "desencontro dos encontros". Sugestões válidas, recomendações pertinentes são, na maioria das vezes, engavetadas para não "desarrumar" a cômoda fórmula vigente.

O que acontece no Brasil, não é, porém, um fato isolado. A es-



cola, ao que tudo indica, vem, no mundo inteiro, atravessando uma de suas piores crises. Artigo recentemente publicado no **CORREIO BRASILENSE** destaca que, segundo o governo chinês, os jovens estão saindo das escolas secundárias despreparados para o ensino superior e, segundo a matéria, as razões alegadas pelas autoridades são: o despreparo dos professores e a falta de livros e de outros materiais básicos. Aliás, o artigo comprova a informação que recebemos de mestres chineses, no ano passado, quando visitamos seu país, em viagem de estudos. Aqui, no outro lado do mundo, os Estados Unidos mostram-se igualmente alarmados com o fraco rendimento dos estudantes de suas escolas primárias e secundárias. Chegaram mesmo a editar o patético relatório da comissão que avaliou as condições do ensino no país e que resultou na publicação intitulada "A Nation at Risk". Em 1983, tivemos oportunidade, quando em visita ofi-

cial aquela nação, de manter, em Washington, encontros com membros da citada comissão de avaliação das condições do ensino, quando soubemos que existem dados mais estonteadores ainda, que nem chegaram a figurar na versão final do relatório.

Nos Estados Unidos não se pode debitar o baixo rendimento escolar ao problema de professores sem qualificação ou à falta de material escolar básico, tal como acontece na China, porquanto todos sabem que, naquele país, não existe o problema de professores sem habilitação, nem tampouco as escolas são desprovidas do necessário material didático.

No Brasil, estudos e pesquisas, vêm, ao longo dos anos, apontando falhas em nosso sistema de ensino que se agravam cada vez mais. É certo que alguns dos problemas apontados têm mais a ver com fatores exó-

genos, sobre os quais a escola pouco pode influir. E o caso da repetência e da evasão, consequências, na maioria das vezes, do sistema social injusto, que já entrega aos mestres crianças tão profundamente marcadas pela situação de pobreza, que pouco ou quase nada a escola pode por elas fazer.

Mas há, sem dúvida, uma série de fatores intrínsecos ao sistema educacional que afeta o processo ensino-aprendizagem e que pode encontrar solução em nível de escola, com a participação efetiva de professores, pais, estudantes e outras forças da comunidade.

O importante é que reconheçamos que todos somos responsáveis. Caso não encaremos o processo educativo como uma ação solidária, não lograremos êxito. Está de parabéns o ministro Marco Maciel pela realização do evento. Mas deve Sua Excelência estar atento para que as verdadeiras aspirações dos pais, dos professores e dos estudantes não sejam desfiguradas por "teóricos de gabinete", encarregados de consolidar, em documento, as sugestões e aspirações dos interessados, transformando-as em discurso acadêmico rico de retórica, mas pobre em soluções.

Entretanto, pela vivência de Sua Excelência, principalmente como ex-governante de um Estado da sofrida região nordestina, sabemos que isso não ocorrerá.

Como lembra Ratzwill, muitas vezes os chamados grandes problemas educacionais podem encontrar soluções em fórmulas simples, porém compatíveis com o meio ao qual a escola serve.

Eurides Brito da Silva é professora da UNB, vice-presidente do Conselho Mundial de Educação Comparada e ex-secretária de Educação e Cultura do Distrito Federal.